

RESENHA

Beard, Mary. *Pompeii, the life of a Roman town*. London, Profile Books, 2008. , 416 pp. ISBN 13 9781861975164.

Victor Sá Ramalho Antonio¹

Com a proposta de compor uma obra abrangente, sintética e, acima de tudo, atualizada acerca de Pompeia, Mary Beard escreveu o aclamado *Pompeii, the life of a Roman town*, título publicado em 2008. O subtítulo da obra expressa bem as pretensões da professora titular de Cambridge: lançar luz a todas as esferas da vida dos antigos habitantes da cidade às margens da Baía de Nápoles.

O tom da introdução do livro já deixa claro que Beard se propôs a trazer uma releitura da tradição estabelecida sobre os mais diversos aspectos de Pompeia: do momento da erupção do Vesúvio à religião dos pompeianos, a autora tenta quebrar tanto suposições quanto paradigmas, apoiando-se em uma vasta e atualizada bibliografia. É justamente quanto a tal bibliografia que a originalidade da obra de Beard pode ser repensada. O que há de inovador é justamente a síntese composta pela autora, e não exatamente a releitura da tradição, já feita por diversos autores, enfatizando um ou outro aspecto específico dos estudos pompeianos. Ainda assim, outras obras de caráter mais geral, mencionadas pela própria autora em “*Further Reading*” (pp. 317-335), como as de Zanker, Ling, Berry e Coarelli, trazem perspectivas semelhantes em relação a muitos dos aspectos tratados.

A referida seção final do livro, na qual Beard traz ao leitor parte da bibliografia usada com breves comentários, é um dos elementos mais interessantes da obra, casando bem com a proposta de ser, além de inovadora, uma porta de entrada para o leitor aos estudos sobre Pompeia para o leitor. O livro tem duplo caráter interessa tanto ao público acadêmico quanto ao leitor ocasional, para o qual a obra de Beard pode servir de guia às escavações. Seu caráter sintético também lhe confere um aspecto de obra introdutória, e seu tom cético com relação à tradição – que nem sempre é bem especificada – confere um aspecto contestatório na maioria de seus capítulos, com a ambição de reformular visões antiquadas sobre a cidade.

A introdução da obra levanta o tradicional problema dos corpos encontrados em

¹ Iniciação Científica – Universidade de São Paulo

Pompeia e do último dia da cidade. Beard expõe a visão recorrente e já consagrada entre os arqueólogos e historiadores contemporâneos, de que Pompeia não viveu em seus últimos anos dentro de uma normalidade, tratando-se de um período da história da cidade assaz diverso daquele de antes do ano de 62 d.C., quando a cidade foi assolada por um grande e devastador terremoto. Pompeia seria, pois, uma cidade em obra, e afetada por um significativo êxodo populacional, sobretudo da elite cidadina. Todavia, as obras então em andamento na cidade não necessariamente seriam diretamente ligadas ao sismo de dezessete anos antes, como afirma boa parte dos estudiosos atuais, mas teriam motivações bem mais recentes, relacionadas também a sismos, os mesmos abalos que fizeram com que boa parte da população evacuasse a cidade antes de ser acometida pela tragédia. Dessa forma, a autora aponta que muitos dos corpos encontrados nas escavações seriam de pessoas que haviam retornado em busca de seus pertencentes ou ladrões, criando um problema para os arqueólogos no que tange o número de vítimas diretas da erupção. Como efeito, para a autora, muitas perguntas seguem sem resposta, sobretudo aquelas relativas às datas dos eventos, ao número de habitantes e a exata localização do mar, decerto modificada pela erupção do vulcão. A autora também ressalta a questão da idade das construções da cidade, a maioria já antiga à época da erupção.

Ainda na introdução, Beard discute o problema da relevância econômica e política de Pompeia para o Império Romano, discordando da vertente de historiadores que prega a irrelevância da cidade, o que, para a autora, não passa de um mito. Tal questão permanece muito em aberto para os demais estudiosos de Pompeia, e a autora intenta quebrar tal mito a partir de argumentos que, apesar de interessantes, não dão conta por completo do problema. Para atestar a importância da cidade, a autora aponta para a proximidade geográfica entre Pompeia e Roma, para a popularidade da Baía de Nápoles entre os romanos mais abastados, para a ligação de algumas famílias da cidade com o poder imperial – notadamente Popéia Sabina, segunda esposa de Nero – e para a relevância econômica de certos produtos da cidade.

Saindo dos últimos anos da cidade, Beard começa a empreender sua tarefa de dar luz à vida cotidiana, aquela presente nos anos anteriores às tragédias que assolaram Pompeia e culminaram em seu fim. Do capítulo 2 ao capítulo 3, a autora vai da vida nas ruas, no espaço público, à vida nas casas, no espaço privado, e busca resolver alguns dos problemas mais inextricáveis, tais como a divisão social do espaço – para Beard, não haveria um zoneamento bem-delineado em Pompeia – e onde as pessoas mais

pobres viviam.

A pintura, tema tão tradicional dos estudos pompeianos, é abordada no capítulo 3, tendo como questionamentos prolíficos o significado e a função para aquelas pessoas das pinturas encontradas pelos arqueólogos. Beard levanta a questão da funcionalidade das pinturas em casas escuras e voltadas para um pátio interno, isto é, fechadas em si e distantes da rua. Para a autora, as características arquitetônicas estão costumeiramente relacionadas às pinturas, funcionando como paisagens criadas dentro das próprias casas. Beard também traz a questão do sentido das cenas mitológicas, pintadas nas paredes de casas e edifícios públicos para os habitantes de Pompeia, optando por uma visão que atribui relevância moral às pinturas. Mesmo se muitas delas não tivessem grande significado para boa parte dos habitantes, uma vez que não é certo que todos conheçam em absoluto muitos dos mitos, um bom número das pinturas deve ter sido cuidadosamente pensado por aqueles que as encomendaram, buscando desde associações pessoais com os mitos a transmissão de ensinamentos morais úteis e relevantes quando vinculados aos ambientes onde foram pintadas. Da mesma maneira, a escolha das cenas mitológicas apropriadas deve ter sido meticulosa em muitos casos, em outros a escolha deve ter se pautado na reprodução de cenas famosas à época, não tendo um motivo mais profundo para sua escolha.

O capítulo 4 é relativo à vida econômica dos habitantes da cidade, no qual a questão da relevância de Pompeia dentro do Império Romano é colocada novamente, assim como é trazido ao leitor o debate por ora insolúvel acerca da autossuficiência de Pompeia e da produção econômica de seu entorno rural. Os temas da agricultura e do comércio se fazem salientes, com Beard se posicionando a favor da visão de que Pompeia seria uma cidade comercial por excelência.

O capítulo 5 traz o problema da comunidade política pompeiana, quais homens dirigiam a cidade e, sobretudo, qual a abrangência dessa cultura política. Beard critica a visão de que Pompeia viva em meio aos debates e campanhas políticas. Retomando o problema do tamanho da população da cidade (intra e extramuros), importante para o debate acerca das habitações e da economia, a autora postula ser um exagero a denominação de “campanha” eleitoral para os grafitos e inscrições de caráter político. Beard enfatiza as relações interpessoais, valorizando o fato de a comunidade de cidadãos de Pompeia ser diminuta e a política ser feita dentro de uma dimensão de proximidade entre os cidadãos, mais humana, fazendo jus à sua proposta de se aproximar o máximo possível da dimensão humana da cidade.

O lazer ocupa as discussões dos capítulos 6 e 7, com a sexualidade sendo discutida no último. Outro mito que Beard aponta existir e busca contradizer é a onipresença das representações de falos e a quantidade de bordéis espalhados por Pompeia. Para o primeiro deles, Beard busca a explicação pelo machismo arraigado das sociedades itálicas, invalidando a explicação que pretendia dar conta da quantidade de representações fálicas encontradas, a de uma função apotropaica ou mesmo mística. Para o segundo problema, o dos bordéis, a autora aponta para duas questões com as quais os arqueólogos ainda não souberam lidar. Primeiramente, muitos dos recintos interpretados como bordéis não o eram, na verdade. Segundo, que a existência de locais específicos para o sexo com prostitutas é, muitas vezes, ambíguo, e difícil de precisar, podendo cada recinto ter mais de um uso – uma característica saliente na arquitetura doméstica pompeiana, como colocado pela autora no capítulo 3. Além dos espaços privados, espaços públicos, notadamente as termas, contribuem para tal problema. Por fim, para Beard, a distinção entre prostituição e sexo pago é, no contexto em questão, muito complicado, sendo duas práticas de natureza diferente, uma vez que tal prática não seria exclusividade de uma profissão específica. Da mesma maneira, as relações sexuais mantidas com escravos devem ser distinguidas.

O último aspecto da vida cotidiana abordado por Mary Beard é a religião, a respeito da qual a autora trata da multiplicidade de credos existente na cidade. Por fim, a autora traz em seu epílogo um roteiro turístico a se fazer, enfatizando o aspecto de livro introdutório aos estudos pompeianos e de leitura acessível ao público não acadêmico interessado na cidade.

O livro percorre um interessante circuito: vai da destruição da cidade e de todas as dúvidas que pairam sobre aquele momento, percorre a vida cotidiana de seus antigos habitantes e termina como um guia prático para o visitante. A obra de Mary Beard veio com a proposta de quebrar mitos, com uma metodologia questionadora e cética acerca da tradição, compondo uma nova obra-síntese acessível não apenas aos acadêmicos, mas ao público leigo. A autora foi bem sucedida na proposta, mas não se pode chamar a obra de revolucionária. Beard consolida e aglutina, em uma única obra, a visão corrente na última década acerca da cidade.

